

Educação libertadora na Contemporaneidade: reflexões sobre Paulo Freire e (des)governo Bolsonaro no Brasil

Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior¹, Luciana da Silva Ramos², Francilene Brito da Silva³

Resumo

Paulo Freire (1921-1997) criou um revolucionário método de alfabetização no qual o educando assimilava o objeto de estudo, tendo como base as suas vivências, suas experiências de vida, ou seja, sua realidade. A teoria de Freire vai em contraposição a uma educação, por ele denominada bancária, tecnicista e alienante. Em contrapartida, o governo Bolsonaro não poupou críticas, comentários infundados, questionando o ensino freiriano. Pensando nisso, este artigo visa refletir acerca desse fenômeno, buscando analisar a motivação do governo eleito em 2018 em desmoralizar e difamar uma filosofia antifascista. Assim, as reflexões apresentadas aqui demonstram subsídios para discussões e possibilidades de mudanças na realidade brasileira.

Palavras-chave

Paulo Freire. Pedagogia. Governo Bolsonaro.

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: paulo_juniordio@hotmail.com.

² Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil; membro do Núcleo de Estudos Gênero, Educação e Afrodescendência - Roda Griô (GEAfro/UFPI), do Grupo de Estudos Estado, Política e Trabalho (UFPI) e do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Estado Democrático e Sociedade Contemporânea (NEPES). E-mail: lucyramos299@outlook.com.

³ Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil; professora adjunta no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, Brasil; líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas Roda Griô (GEAfro/UFPI) e membro do Grupo de Pesquisa Culturas e Identidades no Cotidiano (UERJ). E-mail: artlenha@ufpi.edu.br.

Liberating education in Contemporary times: reflections on Paulo Freire and Bolsonaro (un)government in Brazil

Paulo de Tarso Xavier Sousa Junior⁴, Luciana da Silva Ramos⁵, Francilene Brito da Silva⁶

Abstract

Paulo Freire (1921-1997) created a revolutionary literacy method in which the learners would assimilate the object of study based on their experiences, his life experiences, that is, his reality. The theory of Freire is an opposition to an education he called banking, technical and alienating. On the other hand, the Bolsonaro government did not spare criticism, unfounded comments, questioning Freirean teaching. With this in mind, this article aims to understand about this phenomenon, seeking to analyze the motivation of the government elected in 2018 in demoralizing and defaming an anti-fascist philosophy. Thus, the reflections presented here present subsidies for discussions and possibilities of changes in the Brazilian reality.

Keywords

Paulo Freire. Pedagogy. Bolsonaro Government.

⁴ Master in Psychology, Federal University of Santa Maria, State of Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: paulo_juniordio@hotmail.com.

⁵ PhD student in Social Anthropology, Federal University of Santa Catarina, State of Santa Catarina, Brazil; member of the Nucleus for Gender, Education and Afrodescendence Studies - Roda Griô (GEAfro/UFPI), the State, Politics and Work Study Group (UFPI) and the Nucleus for Research and Studies in Democratic State and Contemporary Society (NEPES). E-mail: lucyramos299@outlook.com.

⁶ PhD in Education, State University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; associate professor at the Center for Educational Sciences, Federal University of Piauí, State of Piauí, Brazil; leader of the Center for Studies and Research Roda Griô (GEAfro/UFPI) and member of the Research Group on Cultures and Identities in Daily Life (UERJ).E-mail: artlenha@ufpi.edu.br.

Introdução

Falar de Paulo Freire (1921-1997) é lembrar de um filósofo e educador com saberes disseminados pelo mundo todo. As contribuições do autor ajudaram na construção de pilares importantes na Educação e áreas afins. Freire buscou, portanto, uma *práxis* que se traduz em uma liberdade, buscando desfazer as amarras sociais preestabelecidas. Dessa forma, é notório reconhecer o legado dele, ultrapassando quaisquer barreiras, sem nenhum tipo de receio de incomodar ou transformar aquilo que é desigual dentro da sociedade (FREIRE, 2018).

É impossível citar em um único trabalho todos os aportes teóricos desenvolvidos por Freire, mas uma das suas mais importantes obras visou ao desenvolvimento da chamada Pedagogia Libertadora. Essa perspectiva, conforme Brighente e Mesquida (2016), revelou injustiças e exclusões presentes em um cenário de opressão. Desse modo, a obra repensa mecanismos existentes nesse processo, estabelecendo reflexões críticas e possíveis agentes de mudança.

A princípio, essa filosofia ancorada na área da Educação disseminou-se facilmente entre outras ciências, tendo como base o ser humano vivente como sujeito. Lorenzon, Barcellos e Silva (2015) afirmam que trazer um ensino libertador vai muito além de um processo de ensino-aprendizagem escolar; é propiciar que o sujeito se mantenha ativo no processo no qual esteja envolvido, ressaltando, assim, a importância das suas visões e seus respectivos significados. Dessa forma, o resultado desse pensamento busca reiterar ao próprio indivíduo as rédeas da história dele.

Definitivamente, adotar essa prática não é uma tarefa fácil. As comunidades possuem normas e valores que contribuem para a exclusão e o abismo entre diferentes realidades. Existem forças dentro desse sistema que se alimentam dessas relações e não estão dispostas a cederem facilmente. Nesse sentido, surge o que se adota como postura ética reflexiva. Uma postura humanamente possível, na qual a empatia é prática e os seres passam a conviver dentro da diversidade, e não a sobreviver (ZITKOSKI; TROMBETTA; ALVES, 2019).

Segundo Machado, Ribeiro e Lima (2020), refletir sobre a pedagogia libertadora, a qual se refere esse trabalho, é pensar em novas possibilidades dentro da comunidade. Desse modo, essa concepção vai além dos estudos educacionais propriamente ditos, tangendo outros aspectos, como, por exemplo, valores e comportamentos a serem adotados pelos sujeitos em outras esferas da comunidade. Por meio dessas reflexões, os seres, de maneira coletiva, passam a observar novas perspectivas, construindo, assim, uma sociedade participativa e com maior equidade.

No tocante a esse assunto, que vai além das linhas de um estudo e das salas de aula, é esperado encontrar críticas que tentam menosprezar os ideais de Freire. Um exemplo clássico desse fato é refletido em discursos de representantes do atual governo brasileiro. Algumas manchetes de veículos de comunicação apontam diversos ataques e distorções das teorias construídas por Freire. São discursos que reforçam a perseguição, atitudes retaliatórias e a tentativa de validação de ideias conservadoras. É necessário, nesse contexto, entender o que há por trás de um cenário em que se busca impedir o crescimento dos sujeitos, seu empoderamento diante sua história (MACHADO, 2019).

O atual governo federal, eleito em 2018, não poupou críticas e calúnias, retratando uma ideia errônea sobre os estudos de Freire. A partir daí, simpatizantes dessa governança atribuem a Paulo Freire uma conotação de ideias e valores ligada ao “comunismo” – que, segundo eles, é algo ruim. Assim sendo, é comum encontrar tanto no meio acadêmico como fora dele discursos agressivos, colocando em xeque as bases criadas ao longo de anos de estudos. Inclusive, muitas dessas obras premiadas em diversos lugares do mundo, reiterando a importância de Freire para a educação, foram atacadas (HADDAD, 2019).

Baseado nesse cenário brasileiro, o presente estudo visa, como objetivo geral, analisar a repercussão dessas críticas aos ensaios de Freire, realizando um contraponto com a contemporaneidade por meio de análises com base na literatura vigente.

Fundamentação teórica

Educação na dinâmica contemporânea

Na contemporaneidade, o pensar em educação requer reflexão-ação-reflexão. Propõe-se essa reflexão, tendo como embasamento teórico autores como Freire (2018), que fundamentou a educação com base nas mudanças sociais e políticas, às quais, segundo o educador, trata-se de processos lentos e complexos, principalmente em contextos multiculturais (SILVA; KAYSER, 2015). Ainda segundo esses autores, a educação surge, nesse momento, como libertadora e transformadora da realidade social.

A amplitude da obra freiriana tem sido destaque para vários campos do conhecimento. Nesse sentido, urge revisá-la. Segundo Freire (2003), a relação social no processo educativo se torna fundamental, pois só é possível pensar em uma educação pela troca de experiência, pelo diálogo. Trata-se de uma relação social por meio da qual ocorrem as transformações sociais que devem ser integradoras para que a educação seja eficaz e eficiente (SILVA; KAYSER, 2015).

É fundamental destacar que, no contexto da educação escolar, Paulo Freire descentraliza o foco dos conteúdos para centrar-se nos sujeitos protagonistas inseridos na ação educativa com os conteúdos. Afirmamos que “cabe, também, à educação a responsabilidade de abrir as portas da mente e do coração e de apontar horizontes de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas” (ECCO; NOGARO, 2015 *apud* BRANDÃO, 2002, p. 22).

Arroyo (2001) destaca que,

para Paulo Freire, educar sempre será uma relação de gente com gente, de adultos com crianças. [...] Para Paulo Freire, o caráter renovador da educação está no caráter intrinsecamente renovado de toda a relação humana, entre humanos. Formamo-nos no diálogo, na interação com outros humanos, não nos formamos na relação com o conhecimento. Este pode ser mediador dessa relação como pode também suplantar essa relação. (ARROYO, 2001, p. 47).

Cabe salientar que a concepção de educação em Freire está envolta pelos ideais de liberdade e esperança. A esperança, por sua vez, se apresenta, segundo Ecco e Nogaro (2015 *apud* VASCONCELOS, 2006, p. 106), como “princípio essencial e propulsor para a realização de qualquer conquista, pois fornece as forças necessárias para que a luta seja enfrentada”.

Poderíamos dizer que o professor se tornou um aprendiz permanente, um construtor de sonhos e sentidos, um cooperador, um organizador da aprendizagem. Se falamos do professor de adultos e do professor de cursos a distância, esses papéis são ainda mais relevantes. De nada adiantará ensinar, se os alunos não conseguirem organizar o seu trabalho, serem sujeitos ativos da aprendizagem, auto-disciplinados, motivados. (GADOTTI, 2003).

A educação atual, de fato, se reinventou, adotando novas práticas e manejos diferenciados. A partir daí, é possível pensar nas atuações humanistas em contraposição a atitudes de poder e subordinação. A rigidez no aprendizado, focando apenas no sucesso e nas melhores performances acadêmicas, não atinge mais seus objetivos, dando margem ao insucesso. Desse modo, pensam-se novas formações que prezam por uma educação empática, atuante e protagonista. Entretanto, ainda é necessário galgar mais caminhos para propiciar o que se discute nessa temática (MUNDIM NETO, 2017).

É notório compreender as mudanças nos cenários educacionais ao longo dos tempos. Além das próprias pedagogias fundamentadas e aplicadas no contexto escolar, houve a inserção de mecanismos que apoiaram na solidificação dessas e de outras metodologias. Conforme Peixoto e Araújo (2012), o uso de tecnologias nesse campo trouxe uma série de possibilidades de ensino-aprendizagem. Inserir essas ferramentas possibilita a construção de novos saberes e

práticas que rompem com estilos autoritários de educação. Entretanto, não se pode deixar de fora dessa discussão quem ainda considera um grande risco esses ideais, colocando em xeque todas essas novas maneiras de ensinar e aprender.

Pensando na contemporaneidade, Maranhão, Santos e Gouveia (2018) recordam do valor mercadológico que a educação recebeu ao longo dos tempos. Atualmente, buscar e pensar em uma instituição educacional renomada e reconhecida significa apresentar bons resultados, que são aplicados à vida dos alunos fora dali. Nesse momento, pensa-se na necessidade do sucesso, na qual aquele sujeito alcança bons níveis sociais e de empregabilidade por conta dessa base educativa. Surgem, então, práticas duvidosas e nada empáticas, visando apenas o retorno pelo qual o triunfo do aluno é capaz de obter.

Se por outro lado esses valores adentraram na educação, outras vertentes também se fazem presentes. Martins (2017) relata a inserção de temáticas relacionadas ao gênero e à sexualidade, sendo discutidas no campo escolar ainda que de maneira tímida e lenta. Trabalhar essas questões vai além das Diretrizes Básicas Escolares, pois elas promovem reflexões educativas necessárias para o entendimento de si mesmo e de convivência na sociedade, como Paulo Freire bem apontou em seus escritos sobre consciência crítica. Todos os agentes participantes da comunidade escolar só possuem ganhos, uma vez que essas discussões promovem saúde e qualidade de vida, além de valores, como o respeito, a compreensão, a tolerância e a criticidade.

A realidade da educação no Brasil antes de Paulo Freire

As ideias sobre a necessidade de levar o ensino primário à população surgem muito cedo no Brasil. No período Imperial (1822-1889), após a chegada da Família Real, em 1808, no Brasil, o direito à educação era um privilégio de poucos. Em 1823, foi instituído o método mútuo Lancaster, que consistia em um aluno aprender para ser incumbido da tarefa de ensinar um determinado grupo de alunos (SOUZA, 2018). Logo após a Independência, encontram-se expressões dessas ideias nas propostas dos constituintes de 1823, na Constituição outorgada pelo Imperador, em 1824, e na Lei do Ensino, de 1827 (BEISIEGEL, 2010). Depois, as afirmações sobre a necessidade de ampliação da educação elementar às crianças foram regularmente retomadas ao longo do Segundo Império, entretanto, a grande maioria da população permanecia iletrada (BEISIEGEL, 2010).

Ainda segundo Beisiegel (2010), a construção de um sistema de instrução popular somente começaria a ser implementada pelos poderes públicos no fim do século XIX, após a

proclamação do regime republicano. Mesmo assim, os resultados obtidos permaneceram sem expressividade e muito desiguais em diversas regiões do Brasil. Exemplificando essa realidade, podemos citar os conhecidos resultados do Censo Nacional de 1940, que encontrou mais de 50% de analfabetos na população de 15 anos ou mais de idade, pois não havia uma política definida de educação escolar para as grandes massas de adolescentes e adultos iletrados, e as poucas iniciativas existentes eram limitadas e fragmentárias (BEISIEGEL, 2010).

Faz-se mister salientar que, de acordo com Gadotti (2016), a educação sempre foi entendida como um processo que se dá ao longo de toda a vida, como a aprendizagem, e não um processo que se reduz à população jovem.

Pensar em um fazer diferenciado de educação é pensar em Paulo Freire. As ideias do educador trouxeram um novo olhar para a ciência educacional, antes pautada em um sistema rígido e engessado, que prega apenas ordens e disciplinas, deixando à mostra a pior face de um sistema que pouco contribui para uma equidade educacional e profissional (COSTA; LOUREIRO, 2017).

Foi nesse sentido que Kohan (2019) destacou como seria essa nova maneira de agir e pensar a educação na perspectiva freiriana:

É verdade que alguns seres humanos sabem mais do que outros. Mas não é menos verdade que todos têm uma igual capacidade e vocação para saber e que, se assim for, uma educação libertadora deveria mostrar um compromisso em restaurar essa capacidade e vocação quando ela estiver oprimida. (KOHAN, 2019, p. 4).

Diante do processo de ensinar, há a necessidade de constante formação profissional para que o educador possa, então, formular metodologias capazes de abarcar as múltiplas diferenças existentes em sala de aula. Dessa forma, a atenção especial a esse tipo de modalidade adveio conforme disseminação da filosofia de Freire. Antes disso, é possível encontrar a escassez de atitudes registradas desse gênero, as quais, por meio da inserção dessas práticas, representam a ausência de uma série de problemas, não apenas no processo de ensino-aprendizagem, como na vivência no cotidiano escolar (SILVA, 2019).

A educação anterior negava a própria história da qual ela faz parte. Os sujeitos que estavam inseridos sentiam na pele a marginalização de saberes e conhecimentos populares, atribuindo valor apenas à educação formal. Tomando como base este valor, inúmeras situações permearam práticas às quais refletiam nesse postulado. Dessa forma, essa pedagogia não estava para aqueles que ali participavam do seu contexto, invisibilizando personagens, sabedorias e,

acima de tudo, histórias. Por isso, seria inconcebível, pelo menos naquele momento, pensar em um outro tipo de arcabouço (MACIEL, 2011).

Metodologia

Este estudo consiste em uma revisão de literatura de caráter narrativo e compreensivo. A referida investigação traçou como critério de inclusão a busca de escritos no intervalo de tempo entre os anos de 2017 e 2021, abrangendo apenas trabalhos em língua portuguesa, sendo eles originais ou de revisões de literatura. As referências foram localizadas nas consecutivas bases de dados eletrônicas: Google Acadêmico, Scielo, Pepsic e BVS Brasil. Os descritores que embasaram essa pesquisa foram: Paulo Freire, governo federal, educação no Brasil.

Como critérios de exclusão foram adotados os seguintes aspectos: serem resenhas e resumos publicados em anais de eventos científicos. A concepção, a pesquisa e a análise desse trabalho se deram ao longo dos meses de novembro e dezembro de 2020. Logo em seguida, na busca inicial, foram selecionados quinze trabalhos que possibilitaram a construção do tópico a seguir. O estudo apresenta como destaque as obras de Vettorassi, Oliveira e Benevides (2020); Luca, Malachias-Infante (2020); e Pereira (2021).

Resultados e Discussão

A crítica à obra de Paulo Freire pelo Governo Bolsonaro

Desde o início do mandato federal de 2019, o governo Bolsonaro buscou intensificar ações que visassem menosprezar práticas educativas embasadas em Paulo Freire. É possível observar isso em diversas entrevistas e discursos, nos quais o presidente ataca e menospreza a obra de Freire sem nenhum fundamento conceitual. Conforme Sousa e Pereira (2020), é notório compreender uma política atual no Brasil de exclusão e marginalização das minorias e pessoas contrárias ao governo. Observar uma esfera federal e bombardear os ideais e teorias construídos por Freire reforça o caráter de perigo, aos olhos desses sujeitos, do poder da educação. Se essa ciência busca ofertar liberdade aos indivíduos, é esperado um governo não comprometido com essa liberdade promover ataques.

As ações pensadas por esse governo não são coincidências ou muito menos apenas questões de cunho pessoal. De acordo com Souza (2020), o contexto da necropolítica vivida no país atualmente apresenta as piores faces dessa administração pública: fome, desemprego,

exclusão e afins. Os poucos e quase nulos programas ou políticas públicas não alcançam a população. Assim sendo, a assistência aos cidadãos deixa seus moradores à própria sorte. O legado de Freire nos convida, justamente, a pensar nesse sistema de maneira coletiva, proporcionando a autonomia da comunidade.

A situação torna-se ainda mais complicada quando se encontram à frente da pasta da Educação pessoas com iniciativas de afrontes à própria individualidade humana. Governos autoritários buscam formas pelas quais fazem a população pensar que não é possível lutar pelos próprios direitos, mesmo estando garantidos pela lei. Nesse sentido, não se encontra uma pedagogia, encontra-se apenas combate a ideias na busca por desarmar direitos e deveres (VETTORASSI; OLIVEIRA; BENEVIDES, 2020).

A grande maioria dessas declarações contrárias à pedagogia freiriana parte do campo das redes sociais por meio tecnológico. Os líderes do governo deixaram claro em seus canais de comunicação virtual suas concepções e críticas infundadas e sem nenhum tipo de comprovação científica. Berino *et al.* (2019) descrevem essa luta ideológica partida e movimentada pelas redes. Essas atitudes desenfreadas provocam debates e violências de cunho político, buscando difamar movimentos sociais dos quais sujeitos marginalizados e excluídos fazem parte. Esses líderes alimentam discursos de ódio justamente o que Freire define como educação popular. Nesse sentido, a comunicação virtual é usada como mecanismo de combate ao ensino dos sujeitos, mantendo-se alienada àquela rede governamental.

A partir dessas intervenções surgem na sociedade terminologias ligadas a movimentos que nunca existiram. O governo Bolsonaro passa, então, a perseguir instituições de ensino e seus componentes humanos, sejam eles discentes ou docentes, no sentido de instaurar uma “limpeza” ideológica. A justificativa disso diz respeito a uma possível balbúrdia nessas instituições, sendo necessárias medidas de punho forte para o restabelecimento de uma boa educação. Entretanto, mesmo em um momento atual de pandemia, esses locais educacionais mostram sua verdadeira face: o poder da educação e da ciência (RAIC; CARDOSO; PEREIRA, 2020).

Ilustrando melhor o cenário que vivenciamos, foram promovidos desmontes em diversos setores, sendo que a Educação sofreu em maior grau. Além dos cortes de verbas e pouco investimento na área, as instituições de ensino superior públicas, bem como os demais setores do ensino gratuito, passaram a ser alvos de calúnias e difamações em diversas redes de comunicação em massa. Além disso, o governo ainda promoveu incentivos de modo a incentivar medidas de privatização do ensino. Os exemplos citados fogem a quaisquer

iniciativas de uma educação libertadora, autônoma e protagonizada a quem é de direito (CAVALCANTI *et al.*, 2020).

Pereira (2021) também alerta para situações mais agravantes realizadas pelo governo federal. Claramente se evidenciou uma série de *fake news*, de modo a alimentar o eleitorado para as brigas virtuais. Essas situações visam tirar o foco, muitas vezes, de pautas importantes para o país, sobretudo da educação, removendo a responsabilidade dos governantes eleitos. A estratégia governamental, já traçada até mesmo durante a campanha eleitoral, visa diminuir a proporção de suas ações, bem como suas consequências.

Paulo Freire deixa explícita em suas obras a luta contra o autoritarismo desenvolvido por Estados que buscam amarrar a população à mercê deles. Sua pedagogia é, além de política, humana e consistente no dia a dia. Assim sendo, o governo Bolsonaro buscou o contrário, pois, justamente, reconheceu o poder de uma educação desse gênero. A partir daí, são pensadas ameaças contra o próprio regime, a um sistema em que não se aceita mais as marginalidades e exclusões realizadas. Por isso, para esses líderes, o patrono da educação brasileira se torna perigoso (OLIVEIRA, 2020).

Mesmo em 2021, ainda se encontram exemplos de *fake news* e inúmeras calúnias por parte do governo federal a Freire. A longa e comprovada história de reconhecimento internacional do educador amedronta o atual presidente e sua ala ideológica. Mesmo diante dessas aversões à pedagogia freiriana, ela ainda resiste em seu país de origem, sendo necessária mais do que nunca para o embasamento de uma luta coletiva, na qual o verdadeiro alimento para a liberdade e criticidade encontra-se na educação.

Influências da Pedagogia de Freire na atualidade

O célebre autor da *Pedagogia do Oprimido* (2013) e de tantas outras obras de grande importância para a educação brasileira e mundial defendia que a escola deveria ensinar ao aluno a maneira de ler o meio e, assim, poder transformá-lo. Uma educação humanizada, pautada no aluno como protagonista do processo, e o professor um facilitador do conhecimento, que tem como papel criar possibilidades para a produção do conhecimento.

A pedagogia de Paulo Freire exerce grande influência no cenário educacional atual no Brasil e no mundo. À luz da proposta educacional do pensamento de Paulo Freire, é fundamental a busca pela consciência crítica de cada ser humano no sentido de sua libertação da condição de explorado. Portanto, segundo Paulo Freire, a educação está pautada em um cenário de desigualdade. A pandemia do novo coronavírus desvelou o grande abismo de

desigualdade no qual o país se encontra submerso. Nesse cenário, é preciso que a educação promova a transformação dessa realidade. Paulo Freire nos apresentou uma proposta de educação que leva em consideração a estrutura de dominação, uma característica das sociedades dependentes (LUCA; MALACHIAS-INFANTE, 2020). Nesse sentido,

temos clareza que debruçar-se sobre o pensamento de Freire e seu método, nos dias atuais, é certamente um desafio, pois vivemos práticas educacionais enraizadas com intenções pré-determinadas, métodos e fórmulas prontas, quase que dogmáticas. Partimos da análise de Freire como um educador comprometido com a realidade onde vive, que objetiva uma educação libertadora, para e com o povo. (MACIEL, 2017, p. 21833).

Para Freire, a atitude dialógica é um fator preponderante na mediação do educador-educando e deve perpassar o tripé educador-educando-objeto de conhecimento. Partindo da realidade do educando, o diálogo deve iniciar-se antes mesmo do ato educativo escolar (MACIEL, 2017). Suas práticas educativas buscam a compreensão da individualidade de cada ser, acreditando nas suas potencialidades. O ensino, aqui, de fato é inclusivo, mostrando verdadeiramente uma Educação acessível e disponível a todos. Essa acessibilidade é traduzida em oportunidades, em que, a partir daí, cada um possa trilhar seu caminho, realizando projetos de vida e demais anseios (GOMES; TONIOSSO, 2019).

Freire escreveu suas obras buscando uma teoria/filosofia educacional em que seus estudos ultrapassaram fronteiras e chegaram, até mesmo, nas grandes potências mundiais. Esse retorno diz respeito às ideias de revolução do autor, às quais rompem com o conservadorismo e demais mazelas sociais. Ideias essas que nenhum governo fascista gostaria de lidar, pois, uma vez que sua população possui consciência e empoderamento, as amarras do poder e da marginalização se rompem. Os seres se tornam autônomos, livres e capazes de buscar seu próprio lugar ao sol. O educar é compartilhado, em que a união se torna a grande pauta do saber (GOMES; MULLER, 2018).

Se por um lado os autores apresentam novas crenças acerca do universo educacional e seus benefícios para as comunidades, Freire também ressaltou mudanças no próprio mecanismo educacional. Andrade, Felipe e Medeiros (2020) alertam para alterações nas grades curriculares de ensino, buscando atualizações no contexto escolar. As bases curriculares e metodologias de ensino devem prezar por uma educação participativa e acolhedora, buscando a interação entre todos os componentes do âmbito escolar. Paulo Freire, com sua pedagogia, defendia a importância de desenraizar as ideologias opressoras em relação à educação e, com sua ousadia, defendeu uma pedagogia libertadora. Em uma sociedade sem igualdade, a opressão, a

intolerância, a falta de empatia e a desumanização ditam as regras. A influência de Paulo Freire é cada vez mais atual e necessária para a construção de uma sociedade e uma educação mais igualitária.

Considerações finais

O que se buscou falar nesse estudo diz respeito a uma pedagogia, uma filosofia não apenas de vida, mas de revolução social. A educação libertadora tem como objetivo desenvolver a consciência crítica capaz de perceber os fios que tecem a realidade social e superar a ideologia da opressão. Na educação como prática da liberdade, os homens e as mulheres são vistos como pessoas ativas e têm convicção profunda no poder criador do ser humano como sujeito da história – uma história inacabada, construída a cada instante, cujo processo de conhecer envolve intercomunicação, intersubjetividade (MENEZES; SANTIAGO, 2014).

A contribuição freiriana para a educação foi tecida a partir da crítica à educação bancária e no movimento de superação pela formulação de uma educação libertadora. A educação bancária tem por referência as teorias tradicionais do currículo, compreende os educandos como depósitos vazios a serem preenchidos por conteúdo do domínio exclusivo do docente. Para Freire, o amor também é o fundamento do diálogo. Mas não se trata de um sentimento ingênuo ou romântico de afeição; ele se caracteriza por relações autênticas de respeito, de tolerância e empatia entre as pessoas que compartilham ideais na busca da humanização. O diálogo é movido pelo amor, pela tolerância, pela humildade e pela capacidade de escuta, pois o sujeito inacabado e consciente do inacabamento tem uma prática dialógica porque acredita na transformação da realidade (MENEZES; SANTIAGO, 2014).

Tudo isso é extremamente aterrorizante e desesperador para governos como o eleito no pleito de 2018. Estudos como esse visam tocar nas feridas desse conservadorismo, convocando os brasileiros a assumirem o protagonismo da sua própria história. Quando se tornam livres, autônomos, conscientes, é passível a construção de uma sociedade melhor. Isso não é uma utopia ou um *status* inalcançável.

Freire acreditava na educação e é necessário acreditar nela. Por meio dela é possível engajar as pessoas para o aqui, o agora. Esse destino não é ligado a uma ideologia ou sistema político como tanto tentam ressaltar. A única ligação dessa educação é com o sujeito, de modo que ele possa compreender que não existem governos ou ideias ditadoras de como o país deve seguir. Exercendo nossos direitos e deveres como cidadãos, podemos seguir. Freire apresenta

em sua obra um grande salto para o futuro. Essa mudança põe fim à recusa da exclusão e do ostracismo. Essas ideias não param por aqui.

Referências

ANDRADE, A. C.; FELIPE, E.; MEDEIROS, S. A. Da pedagogia tradicional a uma aprendizagem significativa. **Episteme Transversalis**, Volta Redonda, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/2146>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ARROYO, M. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. *In*: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. **Caderno pedagógico 2**: Semana Pedagógica Paulo Freire. Porto Alegre: Corag, 2001a. p. 42-54.

BEISIEGEL, C. R. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

BERINO, A. P. *et al.* As aventuras de Paulo Freire contra o meme egoísta: a luta de classes nas redes sociais. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 11, n. 2, p. 178-202, 2019. DOI 10.12957/periferia.2019.37062. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/37062>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BRANDÃO, C. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRIGHENTE, M. F.; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-posições**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 155-177, 2016. DOI 10.1590/0103-7307201607909. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/kBxPw6PW5kxtgJBfWMBXPhy/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2021.

CAVALCANTI, C. R. *et al.* Educação e cultura na luta por emancipação da humanidade: ataques e resistências no governo Bolsonaro. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 24, p. 312-330, 2020. DOI 10.18764/2178-2865.v24nEp312-330. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/15148>. Acesso em: 3 abr. 2021.

COSTA, C. A.; LOUREIRO, C. F. A interdisciplinaridade em Paulo Freire: aproximações político-pedagógicas para a educação ambiental crítica. **Katálisis**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 111-121, 2017. DOI 10.1590/1414-49802017.00100013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/5d4vHvd6QcrMYyPZNqMmfCr/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2020.

ECCO, I.; NOGARO, A. A Educação em Paulo Freire como processo de humanização. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12.*, Curitiba, 2015. **Anais** [...]. Curitiba: EDUCERE, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, A. M. A. (org.). **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GADOTTI, M. **Educação popular e educação ao longo da vida**. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELIV_Gadotti.pdf. Acesso em: 14 nov. 2021

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GOMES, R. C.; TONIOSSO, J. P. Paulo Freire e educação libertadora: percepções de docentes da educação de jovens e adultos de um município do interior de São Paulo. **Cadernos de Educação**, Bebedouro, v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/79/22042019220012.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2021.

GOMES, W. M.; MULLER, A. J. Paulo Freire: do (re)exílio brasileiro às cátedras norte-americanas. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 21, p. 395-412, 2019. DOI 10.22196/rp.v22i0.4878. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/4878>. Acesso em: 14 nov. 2021.

HADDAD, S. Porque o Brasil de Olavo e Bolsonaro vê em Paulo Freire um inimigo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 de abril de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/04/por-que-o-brasil-de-olavo-e-bolsonaro-ve-em-paulo-freire-um-inimigo.shtml>. Acesso em: 14 nov. 2021.

KOHAN, W. O. Paulo Freire e o valor da igualdade em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, 2019. DOI 10.1590/S1678-4634201945201600. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fHZDML53D8X6xTsRzgHL8Qp/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2020.

LORENZON, M.; BARCELLOS, G. B.; SILVA, J. S. Alfabetização científica e pedagogia libertadora de Paulo Freire: articulações possíveis. **Signos**, Lajeado, v. 36, n. 1, 2015.

Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/783>. Acesso em: 14 nov. 2021.

LUCA, A.; MALACHIAS-INFANTE, M. E. Atualidade/necessidade do pensamento de Paulo Freire: a experiência da prática docente em um cursinho popular. **Revista de Estudos Culturais**, São Paulo, n. 5, 2020. DOI 10.11606/issn.2446-7693i5p39-62. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistaec/article/view/170630>. Acesso em: 3 abr. 2021.

MACHADO, F. S.; RIBEIRO, E. A.; LIMA, G. G. Contribuições da pedagogia progressista libertadora para a educação inclusiva frente ao contexto neoliberal. **Educação & Linguagem**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 141-162, 2020. DOI 10.15603/2176-1043/el.v23n2p141-162. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/article/view/10739>. Acesso em: 3 abr. 2021.

MACHADO, R. A fenomenologia como fundamento filosófico da pedagogia libertadora: uma análise histórico-crítica da teoria de Paulo Freire. **Educação e Emancipação**, São Luís, v. 12, n. 2, p. 292-320, 2019. DOI 10.18764/2358-4319.v12n2p292-320. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/view/11492>. Acesso em: 14 nov. 2021.

MACIEL, J. J. O método Paulo Freire: origens históricas, influências teóricas e aspectos metodológicos. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13., Curitiba, 2017. **Anais [...]**. EDUCERE: Curitiba, 2017.

MACIEL, K. F. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/4304>. Acesso em: 14 nov. 2021.

MARANHÃO, C.; SANTOS, F. C. P.; GOUVEIA, P. N. Teoria crítica e didática: um desafio para a educação contemporânea. **REAd.**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 129-148, 2018. DOI 10.1590/1413-2311.186.65575. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/read/a/bLxjpbhtfQZFhcC4sDwDWTq/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MARTINS, C. F. Gênero e sexualidade na educação contemporânea. **ID Online Revista de Psicologia**, Jaboaão dos Guararapes, v. 10, n. 33, p. 257-270, 2017. DOI 10.14295/idonline.v10i33.652. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/652>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Pro-Posições**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 45-62, set./dez. 2014. DOI 10.1590/0103-7307201407503. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/QJxGZXzMDX4Qjpkxd5jRfFD/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2020.

MUNDIM NETO, J. F. **A crise da educação contemporânea e a escola**: o que paira sobre o chão que pisamos? 2017. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24454>. Acesso em: 14 nov. 2020.

OLIVEIRA, F. F. Quero aprender a ler e escrever para deixar de ser sombras dos outros. **REPECULT**, Nova Iguaçu, v. 5, n. 8, p. 28-50, 2020. DOI 10.29327/211303.5.8-5. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/repecult/article/view/514>. Acesso em: 3 abr. 2021.

PEIXOTO, J.; ARAÚJO, C. H. S. Tecnologia e educação: algumas considerações sobre o discurso pedagógico contemporâneo. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 253-268, 2012. DOI 10.1590/S0101-73302012000100016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/fKjYHb7qD8nK4MWQZFchr6K/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2020.

PEREIRA, M. R. A desinformação como estratégia política: uma análise dos tweets de ataque à imprensa postados por Jair Messias Bolsonaro no ano de 2019. **Aquila**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 24, p. 97-110, 2021. DOI 10.17648/revista-aquila.v1i24.149. Disponível em: <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila/article/view/149>. Acesso em: 6 jan. 2022.

RAIC, D. F. F.; CARDOSO, M. C.; PEREIRA, S. A. C. A universidade pública em cenários neoliberais e fascistas: balbúrdias de resistência em tempos de Covid-19. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 14, 2020. DOI 10.14244/198271994556. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4556>. Acesso em: 3 abr. 2021.

SILVA, M. A.; KAYSER, A. M. O papel da educação contemporânea uma reflexão a partir da Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire. **Dynamis**, Blumenau, v. 21, n. 2, p. 3-15, 2015. DOI 10.7867/1982-4866.2015v21n2p3-15. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/view/3560>. Acesso em: 14 nov. 2020.

SILVA, W. R. Polêmica da alfabetização no Brasil de Paulo Freire. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 1, p. 219-240, 2019. DOI 10.1590/010318138654598480061. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/PvXqBGP4mXFFRQqGk6LkCks/>. Acesso em: 14 nov. 2020.

SOUSA, A. C.; PEREIRA, A. S. Paulo Freire, o andarilho da utopia: reflexões para a transformação social através da educação. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 2, maio 2020. DOI 10.47149/pemo.v2i2.3755. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3755>. Acesso em: 3 abr. 2021.

SOUZA, G. C. A atualidade de Paulo Freire: no contexto do avanço do neoconservadorismo na educação brasileira. *In*: ABREU, J. M.; SOUZA, J. C. S. **Educação e História da Educação no Brasil**, Rio de Janeiro, 2018. p. 95-104. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/23/educacao-e-historia-da-educacao-no-brasil>. Acesso em: 3 abr. 2021.

SOUZA, J. C. S. Educação e História da Educação no Brasil. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 23, 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/23/educacao-e-historia-da-educacao-no-brasil>. Acesso em: 14 nov. 2020.

VASCONCELOS, M. L. M. C.; BRITO, R. H. P. **Conceitos de educação em Paulo Freire**: glossário. Petrópolis: Vozes, 2006.

VETTORASSI, A.; OLIVEIRA, D. D.; FREITAS, B. R. Direitos humanos no Brasil: os ataques às humanidades no governo Bolsonaro. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 20, p. 400-417, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3816#:~:text=O%20objetivo%20%C3%A9%20demonstrar%20que,caracter%C3%ADsticas%20autorit%C3%A1rias%20e%20bases%20conservadoras>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ZITKOSKI, J. J.; TROMBETTA, S.; ALVES, J. E. Os fundamentos éticos da pedagogia libertadora segundo Paulo Freire. **Revista Eletrônica do Curso de Ciências Contábeis**, Taquara, v. 8, n. 2, p. 200-213, 2019. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/contabeis/article/view/1282>. Acesso em: 14 nov. 2020.

Submetido em 25 de julho de 2022.

Aprovado em 29 de outubro de 2022.